

PANTANAL – Há 18 anos, o Brasil descobriu o Pantanal pela novela da extinta TV Manchete. As belíssimas imagens das áreas alagadas, da vegetação densa, dos rios tortuosos, dos jacarés, das onças, sucuris e tuiuiús encantaram o público, e a novela se tornou um marco da teledramaturgia brasileira. Hoje, este bioma está de novo em evidência, não por causa da reprise da novela, mas por um motivo totalmente diferente: a ameaça da expansão exacerbada do agronegócio. Em agosto, [o jornal O Globo noticiou](#) que o plantio de cana-de açúcar seria liberado no Pantanal, mas o Ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, negou, explicando que o governo federal planeja um projeto de zoneamento ecológico para regular a plantação de cana no entorno ao bioma.

A professora da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal ([Uniderp](#)), Mercedes Mercante, destaca que o problema do Pantanal é que ele está inserido em dois ambientes, planície e planalto: “É uma grande planície encravada na América do Sul, mas ele é uma área deprimida, que ainda está em processo de formação e recebe sedimentos das áreas mais altas do planalto ao redor. Essa formação geológica faz com que corram por ali vários rios que vão pra bacia do rio Paraguai. O aumento do ritmo de desenvolvimento do agronegócio no planalto vem exercendo grande pressão dentro do Pantanal.”



O Centro-Oeste pode se tornar o maior produtor de grãos do país dentro dos próximos anos. A região é líder nacional do cultivo de algodão, girassol, soja e sorgo, e é segunda maior produtora de milho. Tem atualmente 15,1 milhões de hectares cultivados, número três vezes maior do que havia final dos anos 70, produzindo 49,3 milhões de toneladas de grãos.



Bioma cercado de problemas

Segundo a professora, essas atividades causam um grande impacto negativo na manutenção da biodiversidade. E cita como exemplo o grave problema ambiental que a bacia do rio Taquari vem sofrendo: “O rio Taquari transporta uma grande quantidade de sedimentos que vêm da parte alta do planalto. Esses sedimentos são consequência do excesso de erosão

causado por plantações de soja, de pastagens etc. A bacia do rio tem um processo natural de mudança, mas o excesso de sedimentos está provocando um crescente assoreamento dos rios, que altera a direção do seu curso e provoca grandes inundações na região, atingindo cidades e fazendas. O uso de agrotóxicos nas plantações também acaba contaminando as águas”.

Ela ressalta que, para contornar esse problema, seria preciso conhecer profundamente o comportamento das águas da bacia, que ainda está em formação, bem como controlar a produção agropecuária nas regiões mais altas. “A pecuária é uma atividade típica da região do Pantanal; no entanto, vem sofrendo uma profunda alteração, com manipulação genética do gado, o aumento da área de pasto e até com a substituição do capim da região por outro que cresce mais rápido, o que afeta outros animais”, explica Mercedes.

Os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul possuem o maior rebanho bovino do país, com mais de 50 milhões de cabeças de gado (25% do rebanho nacional).

Biodiversidade pantaneira

A maior planície inundável do mundo ocupa cerca de 250 mil km² e se estende por Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, chegando ainda no Paraguai e na Bolívia. É o habitat de uma fauna muito rica. Além de concentrar o maior número de espécies de aves do mundo (650) há hoje catalogados ainda 80 espécies de mamíferos, 260 de peixes, 50 de répteis e mais de mil espécies só de borboletas.

Já a vegetação parece uma grande colcha de retalhos, com áreas bem diferentes. A savana predomina em mais de 50% do bioma; ao norte, 21% correspondem a uma área de transição com a Amazônia; e ao sul cerca de 9% são área de chaco. Há ainda áreas que sofrem influência do Cerrado e até da Mata Atlântica. A professora Mercedes destaca que essa grande variedade favorece também a diversidade de espécies animais e vegetais adaptados a uma dinâmica definida pelo clima e pelo regime de inundações da região.



O Pantanal está inteiro dentro da grande bacia do rio Paraguai, sendo seus principais afluentes o São Lourenço, o Cuiabá, o Taquari, o Negro, o Miranda e o Aquidabã.

Conhecer para proteger

O desmatamento no Pantanal vem aumentando de 1,5% ao ano para 2,3%, segundo dados do Ministério do Meio Ambiente (MMA). Nesse ritmo, em 45 anos terá desaparecido. Isso porque é um dos biomas menos protegidos: só 2,9% da bacia do

Alto Paraguai e 1,6% da área de planície pantaneira têm unidades de conservação. Por isso, o MMA lançou, em 2001, o [Programa Pantanal](#), que visa aumentar a proteção ao bioma, por meio de pesquisas e estudos sobre desenvolvimento sustentável para a região.

A professora Mercedes concorda que a informação é uma boa aliada na luta em defesa da região: "Lá fora, o Pantanal é considerado uma área de grande interesse para a humanidade. O problema é reconhecer o Pantanal como patrimônio de todos nós. E, pra isso, precisamos de políticas públicas, de trabalhos de educação ambiental, de divulgação da importância do bioma para a manutenção da vida. O Brasil precisa se conhecer melhor".